

Solução para crise deve ser política, diz Ermírio

FÁTIMA TURCI

A solução para o Brasil é política, tanto na área externa, com a conscientização do perigo de virada de regime se não houver ajuda financeira, como no âmbito interno, pela indicação adequada do sucessor presidencial. Com essa posição, Antônio Ermírio de Moraes, diretor-superintendente do grupo Votorantim, demonstra certo ceticismo em relação às saídas econômicas, já suficientemente indicadas, mas não deixa de insistir na necessidade de mudanças profundas. "De jogo de cintura, já estamos cansados. Todo mundo dribla, mas ninguém acerta no gol e hoje precisamos furar a rede", comenta o empresário, ao afirmar que é preciso substituir o jogo da acomodação e transferência, pela solução, pois "a bola está colocada na marca do penal, mas ninguém quer chutar, e é hora de ter coragem e assumir responsabilidade dos fatos".

Nesse sentido, ele volta a defender o tabelamento dos juros, como única forma de o Brasil não continuar um país da agiotagem, "onde 120 milhões de brasileiros vivem acomodados com a inflação e com uma moeda chamada ORTN e não cruzeiro". Assim, discorda do presidente Figueiredo quando este diz que não deve interferir na questão de juros, porque acha que o governo não pode se eximir dessa responsabilidade, nem ser injusto, aplicando regras diferentes, com o "Cipão" ou tabelamento em 90% da ORTN para produtos industriais (exceto aço e outros) e liberdade para os juros.

TABELAMENTO DE JUROS

Por isso, Ermírio de Moraes não aceita também o argumento dos banqueiros em favor da economia livre, "já que ela vale apenas para quem especula e não para os que produzem"; e insiste para que o governo, começando pela área estatal no Banco do Brasil, trace metas de tabelamento dos juros, como 10% sobre a ORTN, depois 5%, caindo gradativamente. Isso, em sua opinião, indicaria "quem infringe a regra, porque hoje, como não existem limites, todos colaboram com o governo: 'As entidades financeiras seriam medo de fazer maldade, e se crescessem as exigências de reciprocidade poderíamos mostrar ao governo por que saldo médio é um juro indireto'", prosseguiu. O que não pode continuar, segundo ele, são juros de 12,5% ao mês para desconto de duplicata, que resultam em 311% ao ano, "pois isso é um passo para a insolvência geral".

Sem o tabelamento, para ele, não há como diminuir a inflação, que este ano só conseguirá ficar abaix

de 120%. "Se houver uma recessão monstruosa". Com inflação alta e juros elevados nenhuma empresa pode competir com papel financeiro, o que, segundo o empresário, provoca diminuição na produção, "e daqui a cinco anos vamos comer ORTN e morrer ricos de papel". Ele lembra, porém, que apesar de combater o juro elevado, é totalmente contrário à proposta de estatização do sistema financeiro, "pois isso provocaria não só a repetição de muitos erros como maior acomodação".

PRIVATIZAÇÃO

A necessidade de mudanças não está, porém, só na área financeira, que com o open market a 15% ao mês desestimula qualquer investimento, mesmo com o perigo de perder indústrias. Há necessidade, na opinião de Ermírio de Moraes, "de acabar com organismos como BNH, INPS e outros, que deveriam ser administrados pela iniciativa privada, dando satisfação à sociedade do que é feito com seus recursos". Mas, nesse ponto, ele é um pouco incrédulo, pois acha que a máquina governamental é muito forte e insensível. Nesse sentido, critica a mentalidade criada após a Revolução de 64, que em vez de valorizar "o lucro acompanhado de suor", transformou "o trabalho num ato de burrice".

Antônio Ermírio de Moraes, porém, não aceita a acomodação como palavra final, abandona temporariamente as prioridades para educação e saúde que vem defendendo em toda sua vida, e alerta para o perigo de revolução social em função do desemprego: "Não podemos esperar que a produção volte aos níveis de 1980, mas temos que procurar saídas".

Uma delas é, segundo ele, a distribuição de terras, por meio do Ministério Extraordinário para Assuntos Fundiários, a cargo do general Danilo Venturini: "Com a legalização das terras, a vocação agrícola do País, acompanhada dos recursos do Finsocial, que em vez de distribuir cestas de comida orientaria os pequenos agricultores, o Brasil teria um começo sadio de recuperação, evitando migrações e criando emprego".

ISENÇÃO DE IMPOSTOS

Outra idéia para geração imediata de 600 mil empregos, lançada por ele no começo deste mês em Porto Alegre, é a isenção de impostos, como IR, ICM e ISS, para que aposentados possam criar microempresas e assim não só ofertar emprego mas formar jovens.

Todas essas sugestões, porém, parecem ter de aguardar uma mudança mais profunda, pois hoje a

grande preocupação do País é em torno da sucessão presidencial. Ermírio de Moraes, apesar de citar alguns nomes "presidenciáveis", como Hélio Beltrão, Olavo Setúbal, Aureliano Chaves, Rubem Ludwig, Mário Andreazza e Marco Maciel, não arrisca ou apóia ninguém, pois lembra que o presidente Figueiredo deixou claro que ele vai coordenar a sucessão.

Nessa posição de mero espectador, ele nega notícias de que estivesse apoiando o vice-presidente Aureliano Chaves e mostra-se surpreso com as críticas de José Papa Junior: "Ele deveria pelo menos verificar se as notícias são verdadeiras, porque estou sendo discreto, já que o presidente disse que cabe a ele a decisão de seu sucessor". Mas a expectativa de um empresário preocupado com os problemas do País vai além de um simples nome: "O Brasil precisa de um homem digno, experimentado, com PhD na universidade da vida, não um tecnocrata", e nesse sentido dá até um conselho aos presidenciáveis: "Perguntarem a si mesmos, o que eu fiz na vida para ser presidente do Brasil".

Também na área externa, segundo ele, a solução é política. Em primeiro lugar, porque quem deve como o Brasil já perdeu até a posição de negociar e fica vulnerável às exigências dos banqueiros, que aumentam as garantias e juros, "alegando ter aumentado a periculosidade". Além disso, as recentes manifestações de banqueiros europeus não dispostos a emprestar ao Brasil e o não fechamento do projeto 4 deixam o País em situação difícil. E, finalmente, se o Brasil satisfizer as condições do FMI entrará numa recessão total.

Assim, segundo Ermírio de Moraes, "a única esperança é que os Estados Unidos lutem para uma posição forte do Brasil, porque senão podem enrolar sua bandeira" e dizer adeus ao capitalismo. Conscientes do perigo do Brasil virar uma Cuba, os EUA devem liderar os demais países e dar um crédito ao Brasil, baseado em sua história de honradez.

O FMI, na opinião dele, precisa dar uma carência de dois anos, "porque não podemos pagar os US\$13 bilhões só de serviço da dívida. Nesse período, com trabalho sério, terminamos essas obras erradas, como projeto nuclear, Ferrovia do Aço, etc., que já foram além do ponto de retorno e precisam agora operar da melhor forma possível", prosseguiu, ao descartar a idéia de moratória, "que é muito pesada para um país que depende de importação de 75% de seu petróleo", mas lembrando que o FMI deve cair na realidade brasileira, "já aperfeiçada e se espremer mais, com recessão, será pedir a pena de morte".